

A missão da Filosofia*

José Maurício de Carvalho
Fundação E. São João Del Rey - FUNREY

Resumo

Neste trabalho considera-se que, em nosso tempo, a tarefa mais importante da Filosofia é justificar a presença humana no mundo. Esta presença se concretiza no convívio com a natureza, mas principalmente na criação de uma realidade que chamamos cultura ou mundo do homem, que cabe esclarecer, aprimorar e defender, mundo que é ameaçado sempre que a dignidade humana o é.

Procuramos, ainda, salientar a importância da Filosofia na vida das pessoas, onde desde a Grécia Antiga, ela se transformou num elemen-

Abstract

This paper considers that nowadays the most important task of Philosophy is to justify the human presence in the world. This presence is materialized through the acquaintance with nature but mainly through the creation of a reality we call culture or man-made world which is to be clarified, improved and defended, a world which always is at risk when human dignity is endangered.

We intend to emphasize the importance of Philosophy in everybody's life since Ancient Greece and as it has been transformed in an

* The Mission of Philosophy.

to de sobrevivência e que depende muito do ambiente em que quem a pratica se encontra. Ela é um instrumento de reflexão.

A Filosofia em nosso século deparou-se com a existência e, sua missão consistiu em esclarecer a situação do homem, em elucidar o seu modo de ser e a traçar novas bases do seu viver.

element of survival which heavily depends on the environment where the individual who practices Philosophy lives. It is an instrument of reflexion.

In our century Philosophy faced existence, and its mission has consisted in clarifying the human situation, in elucidating his or her way of being and in building new foundations for our life.

Palavras-chave: filosofia, cultura, dignidade humana.

Keywords: philosophy, culture, human dignity.

As origens na Grécia ou considerações introdutórias

A Filosofia é uma forma de pensar a existência, de tratar o sentido do mundo e de nossa presença nele. Ela nasce de uma realidade própria do homem, de uma experiência de estranhamento diante do mundo, “pois o homem existe indagando, uma vez que se encontra perdido entre as coisas e diante das coisas” (VITA, 1968, p.7). Não há, portanto, filosofar fora de um explícito comprometimento com o que nos toca intimamente enquanto nos julgamos perdidos entre as coisas.

O impulso original para filosofar nasce da admiração que se segue à indagação, incorpora a dúvida sobre a qualidade da resposta produzida e culmina na consciência dos limites deste ente que interroga. Historicamente, este saber que denominamos Filosofia nasceu na Antiga Grécia como estratégia de superação dos mitos, mas suas primeiras manifestações se misturaram com a mitologia e com a cosmogonia. Por esse motivo é comum os historiadores da Filosofia associarem a sua gênese às imprecisões dos mitos cosmogônicos de Hesíodo (séc. VIII a.C.) e Ferécides. De nossa parte preferimos localizar a origem histórica da Filosofia no séc. V a.C., naquilo que se convencionou chamar de momento socrático, pois a anterior procura de um arquétipo racional para explicar a natureza que de tudo explicasse é mais exigência religiosa do que o tipo da investigação que veio a ser nomeada de Filosofia.

O que ocorreu na experiência social dos gregos por volta do século V a.C.? Um esplendor de criatividade, momento de paz, prosperidade e

confiança na democracia, marca do século de Péricles (495-429 a.C.). A vida política dos gregos sugeriu-lhes que os rumos da existência coletiva deviam ser decididos em conjunto, por todos os cidadãos. É verdade que o estreito conceito de cidadania que ostentavam não incluía todos os habitantes da cidade, deixava de fora as mulheres, os estrangeiros e escravos. De todo modo, foi um grande avanço em relação à prática política das teocracias guerreiras e monarquias autoritárias que, como forma de organização política, antecederam a Pólis grega. Foi um avanço extraordinário considerar que o debate político pudesse ser realizado pelos cidadãos nas praças da cidade. A necessidade de explicar, naquele contexto, o próprio ponto de vista e defendê-lo perante pessoas vividas ou mesmo com visão diversa dos problemas estimulou os gregos a se prepararem para defender as próprias idéias. Para aprender a fazê-lo, contrataram mestres (*sofistés*), que ensinavam a defesa das opiniões, geralmente de forma brilhante, mas sem qualquer comprometimento com a verdade. Por esse motivo, os sofistas perderam prestígio social, e sofisma passou a designar a argumentação apenas aparentemente correta. A razão é que os Sofistas falavam sobre tudo, sem a preocupação de explicar com clareza e objetividade o que diziam. Heidegger relata um episódio esclarecedor do perfil dos Sofistas. Sócrates encontrou-se com um deles que regressava das conferências que ministrara na Ásia Menor. O Sofista tão logo viu Sócrates perguntou:

Ainda continuas sempre às voltas na rua e a falar sempre do mesmo? Com efeito, respondeu Sócrates, eu faço isso; tu, pelo contrário, com as tuas constantes novidades, não és de todo capaz de dizer o mesmo acerca do mesmo (HEIDEGGER, 1999, p.113/4).

A conclusão de Heidegger é que filosofar é dizer o mesmo de algumas poucas coisas. Para nós o principal deste episódio é que Sócrates chama atenção para a necessidade de falar o mesmo do mesmo, isto é, viver um pacto com a verdade. Este compromisso é difícil, muitas vezes ao longo da história dos homens a dissimulação prevaleceu e a mentira se sobrepôs à racionalidade.

Desde sua origem a Filosofia vive às voltas com a corrupção do pensamento. Essa ameaça original nunca mais a abandonou. Sócrates (470-399 a.C.) chamou atenção para a importância de preparar as pesso-

as não apenas para aprender a discutir, mas para fazê-lo no espírito da sabedoria. Sabedoria é, afirma, uma forma de tratamento dos juízos, de explicação da realidade. A *maieutica*, o método que ele criou para ensinar a filosofar, permitia aos aprendizes definir com precisão o objeto do debate. A Filosofia aparece, desde então, como uma forma de explicar o mundo de modo racional, sendo que a sabedoria filosófica tornou-se estratégia para lidar com a argumentação mendaz. Através dela é possível rejeitar as explicações sem rigor conceitual, pode-se contraditar os poderosos sem escrúpulos e os inescrupulosos sem poder. A sabedoria ensinada por Sócrates é uma forma de racionalidade que propicia o desenvolvimento do espírito crítico, justamente por isso ele foi condenado a beber cicuta. É que ensinar a pensar é uma ameaça a ordens sociais injustas e aos privilégios dos poderosos, considerado conduta desviante pelos governantes, quase sempre, punível com a morte.

A Filosofia teve várias definições ao longo da história do ocidente, aquela que melhor traduz o espírito que Sócrates lhe imprimiu a apresenta como uma amizade pela sabedoria que se exprime pelo pensamento. “A palavra grega filósofo (*philosophos*) é formada em oposição a *sophos*, significa o que ama o saber, em contraposição ao possuidor de conhecimentos, que se designava por sábio” (JASPERS, 1987, p.13).

A Filosofia mudou a vida dos gregos desde quando começou a ser praticada e exigiu que se distinguissem as explicações racionais dos ideais éticos, embora ambas as formulações concorressem para aquele objetivo socrático de construir a racionalidade. É disso que trataremos a seguir.

O sentido revolucionário do filosofar

Por que começamos falando da origem grega da Filosofia, quando desejamos abordar a sua missão em nosso tempo? Porque pareceu-nos uma oportunidade para precisar alguns aspectos ligados à sua missão. Primeiro, porque pudemos dizer que a Filosofia mudou a sociedade grega desde que começou a ser praticada; segundo, porque a origem do filosofar na Grécia elucida as razões do caráter ou o compromisso pessoal do filosofar; terceiro, porque põe a ênfase do filosofar no ato de investigar, na busca da sabedoria mais do que na sua posse, conforme desejou Sócrates. Expliquemos cada item.

A Filosofia mudou a vida dos gregos e depois toda a cultura do ocidente porque forneceu um novo instrumento para abordar o problema

da existência e o sentido dela, questão fundamental para o homem em todos os tempos. Ficou claro, desde a Grécia, que filosofar é um pensar que se faz com a própria cabeça, ainda que seus elementos, a linguagem, conhecimentos científicos, artísticos e os problemas, por exemplo, integrem a cultura de um povo e façam parte da circunstância em que vive o filósofo. O filosofar é, neste ponto, como qualquer ação radical de criação cultural, um produto que dá forma pessoal ao que brota da experiência de um grupo. O elemento que julgamos seja universal da Filosofia é o problema, a busca de explicação para as inquietações do homem, e não os sistemas que se formaram e que estão, como dizia Hegel (1770-1831), destinados à superação. Mesmo quando constatamos que o produto do filosofar é superado por formas melhor elaboradas de dizer os problemas, ainda assim a atividade filosófica, pela história afora, não perde a importância. Hegel afirmou que “todas as histórias da filosofia que expõem e tratam as idéias da filosofia como se fossem opiniões deixam imediatamente transparecer a sua aridez” (HEGEL, 1988, p.96). É que para irmos adiante de onde outros já foram é preciso estar consciente das dificuldades já enfrentadas, ou melhor, conhecer a forma como foram tratados, no passado, os problemas humanos. A consciência que temos dos problemas amadurece com o tempo e na própria atividade de pensar.

O confronto com o passado da consciência humana é para o homem de hoje o alimento da reflexão. Hegel nos ensinou a olhar o passado da Filosofia desta forma, ensinou-o a não vê-lo como coisa morta, afirmando que “o patrimônio da razão autoconsciente que nos pertence não surgiu sem preparação, nem cresceu só do solo atual, mas é característica de tal patrimônio o ser herança e, mais propriamente, resultado do trabalho de todas as gerações precedentes do gênero humano” (idem, p.87). Essa afirmação não quer dizer que novos problemas não surjam no âmbito da cultura, eles aí nascem, mas mesmo para tratar os novos é fundamental examinar os antigos. Por isso, já tivemos oportunidade de comparar esta visita ao passado da Filosofia com o encontro de uma fogueira fumegante por um viajante do deserto. O nômade aprende a aproveitar as fagulhas escondidas sob as cinzas, aprende a separar a cinza inútil da lenha ainda acesa e pacientemente aproveitá-la. Também nós fazemos algo semelhante na Filosofia, somos viajantes na existência, estamos em marcha e precisamos saber tocar nos sistemas antigos para encontrar o fogo da razão que o alimentou num certo tempo. Há muitos modos de comparar a jornada histórica da razão, mas basta esta, ela

reconhece que cada pensador trabalha com elementos que herda. Os acampamentos dos beduínos, que são levantados e desfeitos cada dia, lembram o esforço das gerações de homens que andam pela história a construir o seu rumo, a sua trajetória, a fazer o seu caminho.

A lembrança da origem do filosofar na Antiga Grécia e as lições aprendidas na história da Filosofia nos sugerem uma nova forma de falar da origem da Filosofia. A Filosofia nasce do esforço de cada homem que se ocupa em pensar a razão para a própria vida. Ao se deparar com esta tarefa, ao pensar o que é a missão da Filosofia em nosso tempo, descobrimos que não podemos deixar de dialogar com o produto filosófico criado nos últimos dois mil e quinhentos anos. Ele é a matéria prima que temos para trabalhar.

A origem pessoal do filosofar

Nós podemos mostrar que o filosofar está relacionado a uma tradição cultural, emerge na Grécia e ali se desenvolveu como investigação de certos problemas, porque existiam condições para o seu florescimento. Além disso, indicamos, embora sucintamente, que novos problemas emergiram como resultado das mudanças ocorridas na cultura. A necessidade de explicar as razões de validade da ciência experimental, por exemplo, mobilizou os filósofos na Idade Moderna, estando a preocupação com a experiência associada ao surgimento e ao sucesso da ciência experimental. A filosofia moderna precisou conceituar a experiência natural porque ela era a base do novo método de estudo da natureza. Esse trabalho deu como resultado as obras magistrais de Locke (1632-1304), Hume (1711-1776), Leibniz (1646-1716) e Kant (1724-1804), para recordarmos apenas alguns autores célebres.

A dimensão pessoal da criação filosófica, anteriormente mencionada, será agora melhor explorada. É que os problemas filosóficos já descritos, buscar a felicidade pessoal na participação política, ou explicar as razões do sucesso da ciência foram, cada um a seu tempo, problemas que mobilizaram pessoalmente os filósofos. A Filosofia é um compromisso vital dos pensadores. Na Grécia, aprender a argumentar, participar da vida na *pólis* não foi um luxo do qual o cidadão podia se esquivar. Ele sentia o problema como essencial, não tinha como dele se livrar, sob pena de perder aquilo que o sustentava na existência, o ser cidadão grego. O mesmo se diga do homem moderno, para quem a ciência era o diferencial do seu tempo, uma nova forma de tratar a natureza que garantia a sobrevivência para uma comunidade cada vez mais numerosa.

Em cada tempo, o compromisso de pensar só é levado adiante porque toca o homem na sua humanidade, ele sente que não há como viver sem considerar seriamente o que para ele é visto como um desafio pessoal. Se assim não fosse, a Filosofia não teria sobrevivido, tantos foram os períodos da história em que a falta de estímulo parecia definitiva. É por isso que a Filosofia não se separa dos problemas vividos e só podemos compreendê-la considerando a circunstância dos filósofos.

Nosso tempo e seu tema

O esforço para explicar a experiência natural ensejou uma prolongada meditação da qual os filósofos brasileiros também participaram. É verdade que a ciência, que tanto ocupou os filósofos modernos chegou para nós como um dado oriundo das reformas pombalinas, não consistindo problema o seu reconhecimento. No entanto, ficou-nos a necessidade “de integrar a liberdade e assim incorporar o liberalismo político num sistema empirista coerente” (PAIM, 2000, p.21). Este problema acabou alimentando outros e a filosofia brasileira terminou por se “constituir num procedimento especulativo singular” (CARVALHO, 2000, p.16), sem deixar de ser uma criação nos marcos dos paradigmas ocidentais.

Na Europa, o problema da validação da ciência e da experiência sensível alcançaram o ponto culminante com a filosofia de Kant. O criticismo do mestre de Königsberg pode ser considerado o ponto de chegada do esforço para justificar a validade universal da ciência. O criticismo articulou-se em torno a três questões: *o que posso conhecer?, o que devo fazer? e o que me é lícito esperar?* Para que estas três questões permitissem um avanço da razão, elas foram reunidas em uma quarta: “o que é o homem? É essa a questão que Heidegger (1889-1976), no século que termina, retoma por um outro caminho” (STEIN, 1997, p.105). Entre Kant e Heidegger existe a contribuição de Husserl (1859-1938), a ele coube deixar a compreensão mais subjetiva da representação do real, própria do kantismo, para realçar o aspecto objetivo, “na ida intencional às coisas mesmas” (REALE, 1999, p.14). Husserl nos ensinou que a experiência do mundo natural, pela qual podemos estudar as causas e submetê-las a leis, guarda um sentido originário de vivência direta. Esta nova realidade é a base da experiência cultural, descoberta como uma ampliação da experiência natural. Como nos explicou Reale (1994, p.16):

desde Husserl, se distingue melhor a experiência natural da experiência ética, desenvolvendo-se a primeira segundo relações de causalidade, enquanto que a segunda depende de causa motivacional, a qual reflete a intencionalidade da consciência. É em razão de motivos que podemos tratar da experiência ética, que abrange o social.

Reale explica que, com base nas idéias de Husserl, podemos falar de uma complementariedade entre experiência e cultura, tomando essa última como fator de dinamização da história. A experiência humana é capaz de criar imperativos de ação, normas de indicação moral, que assumem o caráter de invariantes axiológicos. Esses princípios, como comentou Varejão, “retroagem sobre o homem em forma de cultura” (VAREJÃO, 1998, p.201). Assim, os culturalistas e vitalistas, como os existencialistas e fenomenólogos, elegeram o homem o objeto central de suas preocupações. Esta orientação tornou-se uma marca de nosso tempo, impregnando outras correntes filosóficas.

Foi assim que o homem se tornou o centro da preocupação de nosso tempo. O existir passou a significar um modo especial de ser, o modo pelo qual o homem é. É a partir da existência humana que se pode pensar o que tudo é, este é o legado de Husserl e Heidegger. Gasset (1883-1955) deu cores vivas a este problema ao dizer que “a primeira coisa que há de fazer a Filosofia é definir este dado, definir o que é a minha vida, nossa vida, a vida de cada qual” (GASSET, 1971, p.155). A idéia de experiência natural abriu-se, no século que termina, e sugeriu a existência da experiência cultural.

O que traduz a experiência cultural?

a grande novidade de nosso tempo é que o homem, concebido como existente, não se separa do mundo. Não é possível tratar o homem e o mundo, ou o velho problema da realidade, separando um do outro. O estar no mundo, o ser aí em meio às coisas, é condição fundamental de que tudo o mais depende. E o que esta condição revela? Existir coloca o homem na situação especial, que o incomoda porque ele não está aparelhado para entender perfeitamente o que esta condição é (CARVALHO, 1998, p.12).

A filosofia em nosso século se deparou com a existência e sua missão consistiu em esclarecer a situação do homem, em elucidar o seu modo de ser e a traçar novas bases do seu viver. Aí está onde estamos, a descrição do modo de ser do homem revela uma condição singular, mostra os limites que o cercam e as suas possibilidades. O que a filosofia mostrou? Antes de tudo o significado trágico do existir. Os limites do homem foram tratados de muitos modos: circunstância, finitude, facticidade foram as formas de traduzir a ausência de justificação metafísica do homem.

Este movimento que desembocou no homem quando considerava o problema da experiência natural aconteceu também porque foi ampliado o conceito de experiência. A discussão sobre o conceito de experiência natural levou a admissibilidade da conceituação da experiência moral ou cultural. A cultura é o mundo que o homem cria a partir dos valores aos quais adere. E o que é o valor? É aquilo que preferimos em nossa existência, o que escolhemos como marca de nossa presença.

A vida humana, apesar de seu caráter trágico, tem como característica esta realidade única originada nas suas ações. Através delas a natureza se modifica, o ambiente natural é adaptado, o espaço inóspito torna-se um ambiente favorável à presença humana. Dada as características desta forma de criação ela se torna objeto de preocupação da Filosofia. Assim, os caminhos da razão contemporânea, que descobriram no homem o seu objeto, desembocam nesta forma especial de considerá-lo, isto é, através do exame daquilo que ele objetiva como próprio de sua presença no mundo. Nada há aqui a acrescentar ao que Reale disse sobre esta forma de presença do homem no mundo: “o mundo da cultura é, em suma, o mundo que é, que se tornou realidade, em função do ser do homem e dever ser em razão de sua valia primordial” (REALE, 1991, p.143).

Tendo como referência o que foi dito, podemos voltar à pergunta: qual a missão contemporânea da Filosofia? Integrar a busca do sentido da existência pessoal, o conhecimento da espessura concreta do existir, na experiência cultural. A cultura, entendida aqui como concretização do que o homem é, emerge objeto privilegiado a ser desvelado. A cultura é o mundo humano à espera de elucidação e exame. Olhar a cultura dessa forma nos forneceu informações preciosas sobre a missão da Filosofia, permitiu-nos

algumas descobertas de caráter ontológico, vale dizer, (...) dotadas de validade absoluta, o que

não significa transformarem-se em categorias estéticas, podendo, ao contrário, merecer diferente angulação segundo o desenvolvimento e a diversificação do contexto histórico (PAIM, 1995, p.121).

A missão da Filosofia ou considerações conclusivas

No item anterior indicamos que o trabalho central da Filosofia é clarear o sentido de nossa presença no mundo a partir do que nele introduzimos. Para fazê-lo devemos considerar as lições que a Filosofia nos traz. A Filosofia instiga a sabedoria, a explicação radical de que falava Sócrates, que nós sempre temos dificuldade de formular. Cabe ao filósofo insistir, construir essa explicação, ainda que ela necessite ser refeita mais tarde, porque nossa consciência é histórica e não definitiva. Esta é uma lição preciosa da Filosofia, nossa obra é falível porque nós próprios o somos e ela espelha nosso modo de ser.

A insistência na explicação fundamentada do mundo do homem é a melhor forma de recusarmos os enganos, banirmos a mentira, clarearmos todas as intenções obscuras, endireitarmos as insinceridades e realizarmos, no quanto é possível em nosso tempo, o ideal de humanidade que Kant resumiu de forma maravilhosa no seu imperativo de ação: “age de tal maneira que possas querer que tua máxima se torne uma lei universal, qualquer que seja a finalidade desejada por ti” (KANT, 1985, p.144). Experimentamos a violência de povos contra povos, de pessoa contra pessoa, convivemos com a injustiça em nosso dia-a-dia onde nossos jovens se perdem na falta de sentido e nas drogas, as riquezas naturais do planeta são exploradas de modo inadequado e comprometendo o futuro da humanidade, nossas crianças se prostituem, a corrupção tomou conta das relações políticas, a vida parece esconder de nós seu sentido? Então nós continuamos precisando de Filosofia, necessitamos desesperadamente dela, mesmo que as forças da corrupção queiram nos convencer de que ela é inútil, ou de que ela nada pode fazer para melhorar o que aí está.

Neste sentido, a Filosofia tem hoje, como teve na antiga Grécia, a missão de elaborar argumentos válidos capazes de nos libertar do medo e da ignorância. A Filosofia instiga a não nos acomodarmos, pois a acomodação do homem alimenta a irracionalidade da besta fera, que toda a evolução da espécie não eliminou. O descuido da liberdade faz surgirem novos totalitarismos, que são uma ameaça ao nosso existir, a falta de

preocupação com a dignidade faz emergir novas formas de indignidade renovadas pelos tempos afora.

O esforço da racionalidade, ao contrário, traz indicações valiosas para a defesa do futuro da humanidade, ela aviva nossa responsabilidade com o devir, valoriza o trabalho, dá sentido à prática da ciência, estimula a defesa do ambiente saudável, nos compromete com os bens de valor histórico e/ou cultural, com a democracia, estimula a criação de uma opinião pública crítica e livre.

Quando éramos criança nossas aulas de Geografia insistiam que o objetivo dos povos era o aumento do PIB. Hoje os economistas e geógrafos reconhecem que o crescimento do PIB sem respeito ao meio ambiente, sem melhoria da qualidade de vida das pessoas, sem a elevação dos padrões universais de escolarização, sem saúde, é insuficiente. A gritaria dos filósofos em defesa da dignidade do homem não deixou de ser ouvida, ainda que nem tudo tenha se mudado no quanto eles desejariam.

A precariedade da nossa existência realça, neste final de milênio, a importância do filosofar. Filosofemos, pois, e anunciemos a dignidade do homem e a necessidade da racionalidade. A Filosofia é nossa resposta contra as forças da corrupção e as ameaças à humanidade. Terminamos com as palavras de Jaspers (1883-1969) que, diante dos riscos da bomba atômica, afirmou: “mesmo diante do desastre possível e total, a Filosofia continuaria a preservar a dignidade do homem em declínio. Numa comunidade de destinos, que se apóie na verdade, o homem a encara face a face, seja ela o que for” (JASPERS, 1983, p.147).

Referências bibliográficas

CARVALHO, J. M. de. *O homem e a filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

CARVALHO, J. M. de. *Curso de introdução à filosofia brasileira*. Londrina: EDUEL, 2000.

GASSET, J. O. y. *Que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ibero-americana, 1971.

HEGEL, G. W. F. *Introdução à história da filosofia*. (Os pensadores), 4. ed., São Paulo: Nova Cultural, 1998.

HEIDEGGER, M. A Europa e a filosofia alemã. *Philosophica*, Lisboa, v. 13, n.1, p.111-123, 1999.

JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1983.

JASPERS, K. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimaraes, 1987.

KANT, E. Sobre a discordância entre a moral e a política, a propósito da paz perpétua. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PAIM, A. *A problemática do culturalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

PAIM, A. Vicente ferrer no contexto da escola eclética brasileira. *Studia Ivrídica*, Coimbra, v. 4, n.45, p.17-30, 2000.

REALE, M. Invariantes axiológicos. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 5, n.13, p.131-144, 1991.

REALE, M. *Variações*. São Paulo: GDR, 1999.

STEIN, E. *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

VAREJÃO, M. Os modelos jurídicos e a hermenêutica em Miguel Reale. *O Direito*, v. 130, n.3-4, p.199-217, 1998.

VITA, L. W. *Pequena história da filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1968.